

dados normalmente dispersos por várias publicações, algumas delas de difícil acesso, que reabilitam esta figura da vanguarda portuguesa. Propondo uma leitura da ação de Raul Leal no seio dos órfãos, que mitiga a secundarização de que tem sido alvo, Manuela Parreira da Silva lembra-nos que ainda há um caminho a percorrer nesta área de investigação.

O volume termina com uma utilíssima e detalhada bibliografia das publicações sobre (ou relacionadas com) o futurismo, saídas entre 2010 e 2012, que, além de compendiar escritos, contempla material audiovisual. A consulta deste *International Yearbook of Futurism Studies. Issue 3* é ainda beneficiada pela inclusão de um índice de autores e de matérias, que agiliza o acesso aos temas e personalidades que o volume privilegiou.

Importa dizer, por fim, que a língua em que o livro está escrito possibilita ao leitor culto, ao lusitanista e ao hispanista, mas também ao bibliófilo, em geral, conhecer melhor um período histórico-literário e cultural particularmente marcante na Europa e com sementes e consequências importantes na Península Ibérica.

Maria das Neves Henriques

AAVV. PORTUGAL BRASIL ÁFRICA RELAÇÕES HISTÓRICAS, LITERÁRIAS E CINEMATográficas

Coord. Cristina Vieira, Paulo Osório, Henrique Manso
Covilhã, Universidade da Beira Interior / 2014

Cumprindo a promessa do título, este livro (cujo ponto de partida, convida referir, remonta a um Congresso Internacional, realizado na Universidade da Beira Interior, em 2010, mas sem corresponder exatamente às atas desse encontro) fornece evidência bastante de que entre Portu-

gal, a África lusófona e o Brasil é possível abrir e estabelecer um diálogo com várias linhas de frente a bem de uma melhor compreensão dessa complexa realidade que dá pelo nome de lusofonia. Que esse diálogo não se confine ao nível das relações históricas, e das heranças culturais que tais relações históricas forçosamente implicam e que deixam sempre marcas no pensamento, mas abarque igualmente duas manifestações maiores da cultura — o cinema e a literatura —, eis o que confere uma mais-valia assaz considerável à obra.

Talvez, por este facto, a sua ambição não seja pouca. Em palavras esclarecedoras, a certa altura da «Nota Introdutória», lê-se: «Num mundo aparentemente controlado por mercados descontrolados, o valor económico e político da lusofonia (associado a países emergentes como o Brasil ou Angola) não pode ser esquecido. Por exemplo, a gastronomia já é um património valorizado em termos turísticos. Mas falta fazer o mesmo reconhecimento estratégico para sectores culturais como a historiografia, a literatura e o cinema lusófonos. E no espírito subjacente à edição deste livro esteve a divulgação de tal pensamento» (9). Isto significa a possibilidade de repensar a lusofonia sem inibições, ou seja, enquanto demarcação de um lugar preponderante (espera-se) no mundo. E isto porque «a lusofonia só estará na periferia, a nível global, se estivermos desatentos ou inactivos, [o que permite concluir] que ela tem potencialidades demarcadas vezes ignoradas ou negligenciadas pelos seus utilizadores e por responsáveis políticos» (*ibid.*).

Ora, os artigos reunidos no presente volume, sejam claros, são seguramente a evidência empírica de que é possível enfatizar, e fazê-lo aprofundada e sagazmente, a força das «potencialidades» da lusofonia; sobretudo se essa força se medir,

desde logo, pela vitalidade com a qual se dialoga sem receio no seu interior.

São três as partes da obra, representativas dos eixos temáticos tratados, e é vasta a multiplicidade dos assuntos, todos eles de uma maneira ou de outra marcados pela moldura lusófona, que se define por um horizonte de heterogeneidade cultural e estética. Assim, na primeira parte («Relações Históricas»), Alexandre Luis e Carla Luis («A imagem de Portugal promovida pela instrumentalização sazarista do luso-tropicalismo», 13-34) denunciam o modo como a instrumentalização sazarista, a despeito (mas também em razão) do contexto adverso (Guerra Fria, contestações dos anos 60, oposição crescente à guerra colonial, etc.), enfatizava determinadas máximas luso-tropicalistas em prol de uma cosmética condacente a uma idealização da imagem de Portugal no exterior; Elvira Mea («Discrepâncias do Humanismo Português na Época Moderna», 35-52), aprofundando a compreensão da cultura e da mentalidade portuguesas, releva as várias descrições existentes no chamado Humanismo Português e o modo como essas descrições foram até certo ponto perdurando em distintas situações sociais; Kamila Rodrigues («As Viagens Pós-Coloniais de Macunaima», 53-72), atenta ao modo como um mapa realiza cartografias desejadas, descortina em *Macunaima*, de Mário de Andrade, a representação das fronteiras, que é como quem diz, o traçado a que obedece na obra o desenho desse símbolo maior que é o mapa nacional, sendo o traçado revelador, tanto quanto o pode ser a coincidência de um mapa com a extensão do território representado, do imaginário nacional ratificado pelo escritor, a com-

passo com elementos de miscigenação; Luis Madeira («Tradução precisa-se! *Accountability*, um vocabulário ausente

dos léxicos do português», 73-96) reinvidica condutas políticas transparentes, o que, como se percebe sem custo, contribuiria substancialmente para combater a corrupção disseminada, em níveis desiguais é certo, pelos países lusófonos; Manuela Jardim («Memórias de Cabo Verde e da Guiné — Através dos Panos») debruça-se sobre a panaria guineense e cabo-verdeana (cores e padrões dos chamados *panos d'óbra*).

Na segunda parte («Relações Literárias»), a mais quantiosa, o que diz bem da prevalência de uma certa centralidade da literatura no panorama das Humanidades, António dos Santos Pereira («José Saramago e o Brasil: Como as terras de Vera Cruz descobriram um escritor português e este chegou ao Nobel», 107-28) defende a possibilidade de a notória repercussão dos textos de Saramago no Brasil ter sido um tanto decisiva para a obtenção do Nobel; Arnaldo Saraiva («Notas para a recordação do meu amigo e muito admirado poeta João Cabral», 129-46) dá conta, em registo memorialista e afetivo, de episódios marcantes da sua administração por João Cabral de Melo e da amizade entre ambos; Geruza Almeida e Kely Marques («A Emancipação do 'Eu': Ética e Justiça na Morte do Outro», 147-60), em análise comparativa e sob o pano de fundo crítico-analítico da filosofia de Lévinas, abordam a violência doméstica em três obras emblemáticas (*Martido, A Moga Teclá, Foram as Dores Que O Mataram*) de três autoras maiores do espaço lusófono (Lídia Jorge, Marina Colassanti, Dina Salustri); Gilberto Mendonça Teles («O Mito Camoniano», 161-84) reporta-se à maneira como o nome de Camões e a sua correlata mitologia se têm declinado com nitidas variações em função do lugar; Giulía Spinuzza («A Lição das Palavras: A Poesia de Eduardo White», 184-204) faz saltar à vista do leitor a pertinência

metapoética das metáforas aéreas e aquáticas contidas na poesia do escritor moçambicano (*Dormir com Deus e Um Navio na Língua, Poemas da Ciência de Voar e da Engenharia de Ser Ave*); Isabel Cristina Marcus aborda, num ensaio magistral, a problemática dos «retornados» («Bin-cos de cerejas e pitangas: 'Retornados' e representação do Outro em *O Retorno*, de Dulce Maria Cardoso», 204-26); Lucas Esperança da Costa («Marando-o talvez Eu Renascesse? Uma Leitura d'*O Vendador de Passados*», 227-44), relendo um dos títulos mais conhecidos de José Eduardo Agualusa sob a égide do conceito de alegoria proposto por Benjamin, assinala como n'*O Vendador de Passados* se critica a reconstrução de Angola no período pós-independência (mas especificamente, a carência de um vinculador sentimento de identidade, imprescindível para se instigar pertença territorial); Manuel da Silva Ramos («Reflexões à volta do Meu Romance *Viagem com Branco no Bolso*», 245-52) refaz o roteiro da criação de um livro seu; Maria de Fátima Ourerinho («A Imagem Literária do 'Outro' Lusófono: Representações do Outro Africano e Lusófono em Textos de Viagens Portugueses», 253-70) presta atenção a um conjunto de narrativas de viagem (*Batida dos Tigres, Sul, África acima, No Mundo das Maravilhas, Até lá abaixo*) para estabelecer as bases pelas quais nelas se oferece a construção de representações à volta do outro africano e lusófono; Maria de Lourdes Sampaio («Rostos e Sombras de Mulheres nas Estórias de Mia Couto», 271-96) evidencia na ficção do escritor o papel das mulheres (como corporificações de formas de colonização perpetuadas sem fim à vista e com poderes e sabedorias capazes de reformularem o mundo atávico que as rodeia); Maria de Jesus Fernández («Ditadores de aquém e de além: Antónimo de Oliveira Salazar e Getúlio Vargas,

personagens de ficção nas narrativas portuguesa e brasileira», 297-318) compara-se em comparar ficções onde avultam autoocratas (*O Comum dos Mortais, As Noivas de São Bento, Getúlio, Dinossauro Excelentíssimo*), pondo a tónica da sua leitura nos processos técnico-narrativos através dos quais a figura histórica de um ditador adquire densidade literária; Sandra Cristina Morais («Representações Femininas em *Resurreição*, de Machado de Assis, e *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós», 319-40) compara o desempenho das personagens femininas de Eça com as de Machado em narrativas fiadas em movimentos estético-literários distintos; Sueli Liebig («O Errante *Guesa* de Sousaândrade: Grito Ancestral do Futuro», 341-58) analisa o poema épico *Guesa* do escritor brasileiro Joaquim de Sousaândrade sob a ótica da colonização; Susana Pimenta («O Outro nas relações interculturais presentes em *Terra Morta*, de Castro Soromenho», 359-73) destaca o empenho do escritor, ao arripio da censura (que viria a proibir *Terra Morta*), em documentar vicissitudes da colonização portuguesa e em agitar a consciência moral dos colonizadores.

Quanto à terceira parte, é nela possível encontrar artigos de Alberto Silva («Política, Poder e Género nos Filmes Realizados pelas Mulheres dos Anos da Ditadura Brasileira», 377-98), Ana Catarina Pereira («*A Costa dos Murmúrios e Natal 71*: Memórias da Guerra Colonial Recriadas pelo Olhar de Margarida Cardoso», 399-410), Marcelo Carvalho («África em transe: Propostas Glauberianas para a Diáspora Africana», 411-28), Maria do Carmo Pizarra («Angola: Politização do Cinema na 'Terra do Sol'», 429-52), Tainah de Souza («A Memória Recriada e a História Provocada em *Sans Soleil* (1982), de Chris Marker», 453-70), Wagner Moreira («Sobre o Lado Esquerdo do Peito,

o Poético em Ação», 471-84). Se no texto de Alberto Silva o que está em causa é fazer ver como a partir da década de 1970, pela mão de realizadoras, o cinema brasileiro passou a incorporar temas até então ausentes da sua cinematografia (subjetividade, corpo feminino, contestação patriarcal), no de Ana Pereira a principal questão é outra: refletir sobre o percurso e a obra de Margarida Cardoso; e no de Marcelo Carvalho é-nos dada a oportunidade de pensar a «africanidade» nalguns filmes de Glauber Rocha e o «devir revolucionário» que lhe é co-extensivo; quanto ao texto de Maria do Carmo Pizarra, oferecendo uma panorâmica elucidativa sobre a história do cinema angolano, traz a vantagem de pôr frente a frente o cinema colonial (propagandístico) e o seu adversário, o cinema dos movimentos de libertação nacional (militante); Tainah de Souza, por sua vez, revisita com empenho e solidez argumentativa *Sans Soleil*, de Chris Marker, detendo-se em particular nos registos sobre a Guiné Bissau e Cabo Verde, o que lhe permite recensar a tensa relação entre História e Memória manifestada no filme do cineasta francês; e, por fim, Wagner Moreira conclui o volume com uma leitura do documentário *Carlos de Oliveira* — *Sobre o Lado Esquerdo*, de Margarida Gil, que, entre outros méritos, correlaciona o filme com o universo ficcional e poético do escritor.

Regendo-se por uma perspetiva lusófona — aquela pela qual em todos eles, embora nuns mais explicitamente, se resume o aprofundamento e a problematização do imaginário lusófono (com as ficções que lhes são intrínsecas e extrínsecas e com os inevitáveis juízos de valor inerentes ao tempo acumulado, no caso das mais antigas) —, boa porção destes textos reflete lucidamente sobre os lugares-comuns por intermédio dos quais se renabiliza muito do que entendemos por

lusofonia. Neste sentido, repellem, sempre que necessário, ideias obsoletas e fazem o exame sério, porque rigoroso, desempoeirado e sem recalcamentos, do modo como se relacionam os países de língua oficial portuguesa, levando em consideração o facto de a lusofonia se configurar por lugares onde cada um resulta ser vários lugares (por vezes multiplicamente sobrepostos). E não é ainda ocioso acrescentar que nos estudos apresentados, em geral, o teórico vai menos fundo do que a análise prática. Ainda bem.

Sérgio Guimarães de Sousa

LITERATURA CABO-VERDIANA

FIÇÃO

Mário Lúcio Sousa
BIOGRAFIA DO LÍNGUA

Lisboa, Publicações Dom Quixote / 2015

Além de cultivar diversos géneros, como a música, a pintura, a poesia e a ficção, Mário Lúcio Sousa tem sabido entrecruzá-los de modo produtivo em seu projeto literário. A esta combinação, elegantemente construída, associa-se o olhar utópico, num momento em que o universo das letras parece preferir deambular à volta do eixo do desencanto. Nascido no Tarrafal, em 1964, o autor, que também viveu em Cuba, onde se formou em Direito, e que hoje é ministro da Cultura de Cabo Verde, regressa à ficção com *Biografia do Língua*. Neste romance, vencedor do último Prémio Literário Miguel Torga, diversos traços de seu percurso biográfico e de seu ecletismo artístico se evidenciam.

A narrativa gira em torno da vida de um condenado à morte por fuzilamento a quem é concedido um último desejo.